

Rubem  
Braga

## Êles não viram e não gostaram

SOU amigo de quase todos os críticos de artes plásticas e não sei nem quero saber qual dêles é culpado do caso Bianco — vários, de qualquer modo, são culpados — mas quero fazer um apêlo a todos. Um apêlo no sentido da humildade, ou melhor, da autodesconfiança.

O caso é o seguinte: o México vai fazer a sua segunda Bienal, e mandou aqui um cavalheiro que andou convidando artistas brasileiros a comparecer com suas obras. Acontece que depois ficou deliberado que o Itamarati é que pagaria a viagem, encarregando-se os mexicanos dos seguros. Entendeu então o chefe da Divisão Cultural do Itamarati de consultar os nossos críticos de arte sôbre a lista de artistas nossos que o mexicano tinha organizado. Fêz, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, uma reunião da Associação Brasileira de Críticos de Arte; e os críticos resolveram aprovar tôda a lista, riscando porém dois nomes: os de Berti e Bianco.

De Berti sei que é um artista italiano chegado há pouco tempo ao Brasil; normal, portanto, que não integrasse a nossa representação. Mas, e Enrico Bianco?

Os críticos não deram motivo; riscaram apenas o seu nome. Dizem que por ser "meio acadêmico". Dizem por hostilidade a Portinari, de quem foi aluno e é amigo. Dizem que êle não foi considerado "representativo da pintura brasileira contemporânea". Tudo o que dizem é extra-oficial; oficialmente houve apenas o veto ao seu nome, que o homem do Itamarati aceitou; e até o momento em que escrevo, ainda não se resolveu quais os dois artistas que devem substituir Berti e Bianco.

Assim, um artista brasileiro que havia sido convidado pelo México recebe esta informação humilhante: como é o nosso Govêrno que vai pagar a remessa, êle está desconvidado, porque a crítica oficial, ou oficializada, assim entendeu.

Fui ver os quadros que Bianco tinha reservado para a Bienal mexicana. Daí a autoridade com que escrevo êste artigo, autoridade que os críticos de confiança do Itamarati não têm: vi os quadros e êles não viram. Não sei se a corrente mais avançada da crítica moderna chegou a essa

suprema *finesse* de dispensar a visão da obra de arte, adotando aquêle sistema de crítica literária que o bom Oswald de Andrade resumia nesta frase: "Não li e não gostei." O mexicano viu os quadros e gostou; eu vi e gostei; os críticos não viram e não gostaram.

Nunca fui particularmente fã de Enrico Bianco, cuja pintura conheço desde aquela sua ruidosa exposição de S. Paulo no tempo da guerra. Muitos quadros seus que tenho visto me deram a impressão de que o pintor sofre nêle, às vêzes, a influência do ilustrador. Êle abusa, não raro, de um gôsto veneziano pelo colorido vibrante; entrega-se às alegrias do vermelho e do azul com certa facilidade. Sempre o respeitei, entretanto, como desenhista e como pintor que não apenas tem talento, como tem *métier*: sabe desenhar, sabe compor, sabe combinar côres e trabalhar com tons e com valores; sabe, em uma palavra, pintar. Dei-me, por isso, ao trabalho de ir ver os três quadros que êle tinha separado para o México.

São melhores do que eu esperava; são bons quadros de pintura moderna em qualquer país do mundo, e são quadros de um pintor formado no Brasil e sensível às sugestões e ao sentimento da vida brasileira; são, portanto, quadros excelentemente representativos da pintura brasileira em qualquer mostra internacional. Eu vi; e os críticos não podem discutir comigo, porque os críticos, — não viram.

Organizados em uma associação, reunidos em um museu que está sendo construído em grande parte com os dinheiros públicos, chamados a opinar por uma autoridade que também vai usar fundos públicos, os críticos precisam urgentemente imaginar que sua responsabilidade cresceu porque se oficializou; e se não querem ser chefões acadêmicos do concretismo oficial e odiosos ditadores da moda e dos destinos, êles têm que aprender a ser mais cuidadosos, a respeitar a dignidade do artista, mesmo quando êste não adota o figurino do mês: a conceder-lhe sempre uma pequena margem e benefício da dúvida de seus próprios julgamentos. E, se não fôr demasiado aborrecido, senhores críticos de pintura, façam-lhes esta humilde sugestão: vejam os quadros que tiverem de julgar.

430-16.7.60

"Manchete"